

## Dr. Fred Putnam, Salmos, Palestra 2

© 2024 Fred Putnam e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Fred Putnam apresentando a segunda palestra de quatro sobre o livro dos Salmos. Dr.

Em nossa primeira palestra, você provavelmente notou que usei diversas vezes a palavra poema intercalada com a palavra salmo e até falei sobre poetas bíblicos.

Essa é uma grande questão hoje em dia. Provavelmente nos últimos 25 anos, tem havido um debate sobre se realmente existe ou não poesia na Bíblia. E porque penso que isso tem implicações muito grandes na forma como lemos os Salmos, bem como outras passagens poéticas, gostaria de discutir isso um pouco e falar, em primeiro lugar, sobre o que entendemos por poesia. E segundo, os Salmos e outras passagens bíblicas são realmente poéticos? E então, finalmente, pergunte quais são algumas das implicações disso? Então, primeira pergunta, o que é poesia? Bem, você pode defini-lo de tantas maneiras quanto encontrar escritores.

Robert Frost disse, por exemplo, que o bom leitor de um grande poema sabe, no instante em que o lê, que sofreu uma ferida imortal que nunca recuperará. Emily Dickinson disse que você me pergunta o que é um poema ou como posso saber se é poesia? Respondo que se sinto como se o topo da minha cabeça tivesse sido removido, ou se estava com tanto frio que nenhum fogo poderia me aquecer, sei que isso é poesia. Existe alguma outra maneira? E há muitas outras definições como essa, que você percebe que colocam ênfase no efeito que o poema ou o texto tem no leitor.

Essa é uma abordagem para definir um poema. Isso me faz sentir como se fosse um poema, então é um poema. Uma segunda maneira de defini-lo é perguntando sobre a intenção do autor.

Então, lemos alguns poemas, acho que mais comumente na poesia moderna, provavelmente desde a época da nova crítica, TS Eliot, desde a Segunda, desde a Primeira Guerra Mundial. E parecem apenas prosa que foi reorganizada. Portanto, parece um pouco diferente na página.

Na verdade, há um famoso locutor de beisebol. Sou da Nova Inglaterra, então não torço pelos Yankees. Mas os Red Sox são mais a minha velocidade.

Mas Phil Rizzuto era um comentarista, um comentarista de jogos do New York Yankees. E há cerca de 10 anos, dois homens pegaram nas transcrições do seu comentário passo a passo, cortaram pequenas seções, reorganizaram-no na página

e venderam-no como um livro de poesia. Agora, Phil Rizzuto não falava poesia, ele não tinha intenção de criar poemas ou ser poeta ou qualquer outra coisa.

E então, a questão é: isso faz deles um poema? Porque alguém diz, isto é um poema, isso o torna um? Então, o segundo ponto, ou a segunda abordagem, está na intenção do autor. Se o autor diz que é um poema, não importa o que pensemos dele. A primeira é: como isso nos afeta? A terceira, terceira forma de definir poesia, que tenta ser um pouco mais neutra, e talvez científica, se essa palavra for aplicada à poesia, diz que reconhecemos um poema porque ele usa artifícios retóricos, falaremos sobre isso um pouco mais tarde, que são usados em todas as línguas, mas a poesia os usa muito.

E assim, a poesia é uma linguagem comprimida. É uma linguagem onde cada palavra é escolhida, não apenas pelo que significa, mas pelo que sugere, pela forma como soa, pela forma como se adapta às outras palavras, talvez pela forma como se adapta ao humor do poema, de modo que a cada ponto de um poema, o autor está escolhendo qual palavra se encaixa melhor aqui. Na verdade, uma experiência muito interessante é entrar online, existe um site dedicado à poesia de Wilfred Owen, que foi um poeta inglês da Primeira Guerra Mundial.

E quando você lê a poesia dele, parece que ele é exatamente como é, a prosa meio reorganizada, pequenos pedaços dela soam meio poéticos, mas soam apenas como parágrafos que foram cortados um pouco e cortados em cubos. Mas quando você olha os manuscritos, e o site realmente tem fotos de seus manuscritos, você percebe que ele escreveu linhas, riscou-as, e algumas linhas ele escreveu três, quatro, cinco, seis vezes, de modo que mesmo que pareça ele está apenas escrevendo prosa, ele está claramente lutando para encontrar a palavra certa para cada lugar. E assim, quando olhamos para a forma como ele escolheu as palavras, e vemos quão densamente ele compilou os seus escritos, percebemos, sim, estes são poemas de uma forma que mesmo os textos que soam poéticos não são.

Então, algumas pessoas diriam que o final do segundo discurso de posse de Abraham Lincoln, onde ele diz, com caridade para com todos, sem malícia para com ninguém, com determinação para fazer o que é certo como Deus nos dá força para ver o que é certo, ou Winston Churchill, nada para oferecer além de sangue, suor, lágrimas, ou lutaremos contra eles nas praias, lutaremos contra eles nas ruas, lutaremos contra eles nas aldeias. Isso é poesia? Bem, certamente parece muito poético, mas eles não pretendem escrever poemas. E a peça como um todo, todo o discurso, ou todo o ensaio, ou seja lá o que for, não é um poema.

Não é apresentado como um, nem está escrito como um. Então, encontramos essa interação de três fatores. Um é o efeito sobre o leitor, um é a intenção do autor e o terceiro é a forma como a própria linguagem está sendo usada.

Na verdade, Roman Jakobson, que é um famoso crítico literário e filósofo estrutural, falou sobre poesia, ou a função poética da linguagem, como ele disse, a sétima função, ele identificou sete funções básicas da linguagem para comunicar conhecimento, para motivar alguém, fazer algo, fazer alguém se sentir de determinada maneira e assim por diante. Mas ele disse que a função poética é o foco na linguagem por si só, de modo que o poeta escolhe uma palavra muito mais deliberadamente do que alguém que está escrevendo um artigo. Sei que todos escolhemos palavras deliberadamente, é verdade, e Jakobson também sabia disso.

Ele não está falando disso, ele não quer dizer que apenas os poetas escolhem as palavras com cuidado, mas na poesia o significado dessas escolhas aumenta e se torna muito mais importante. E temos que lembrar que o significado não é simplesmente o que a palavra significa, ou o que a frase ou sentença significa, mas o que ela conota, isto é, quais são as outras associações que surgem porque ele usou essa palavra. Deixe-me dar um exemplo rápido.

Se alguém o convidar ou se você convidar alguém para jantar em sua casa, você poderia dizer: por que não passa em nossa casa? Ou você poderia dizer, ei, venha visitar nosso novo castelo. Ou você poderia dizer, bem, é uma espécie de casebre, mas de nada, de qualquer maneira. Agora, lugar, castelo e casebre são três palavras muito diferentes, com três associações muito diferentes.

Provavelmente quando você fala isso, se você usa a palavra castelo, a pessoa com quem você está falando pensa que você está brincando, e é, eles sabem que você não mora em um lugar feito de pedra, cercado por um fosso com dragões e masmorras e tudo mais. Mas eles ficam com a ideia de que você acabou de comprar, talvez uma grande casa nova. Você está orgulhoso disso.

Você está animado com isso ou mudou alguma coisa. Mas se você disser meu casebre, bem, isso certamente não tem conotações muito positivas para a maioria de nós. Pensamos: preciso levar alguns lenços umedecidos Sani comigo? Ou preciso, ousado ir aqui? Quero comer alguma coisa que essa pessoa sirva? Considerando que o termo lugar é muito inócuo.

Na verdade, não tem muitas conotações. Provavelmente tem menos associação, menos associações. E assim os poetas estão constantemente escolhendo palavras para sua associação.

Deixe-me ler para você um poema muito breve. Isto foi escrito por uma poetisa cristã do século XIX, Christina Rossetti. São quatro linhas.

É de um livro chamado Sing Song, que é um livro de poemas infantis que ela escreveu. O que é pesado? Areia do mar e tristeza. O que são breves? Hoje e amanhã.

O que são frágeis? Flores de primavera e juventude. O que é profundo? O oceano e a verdade de Christina Rossetti. O que ela fez? Bem, em primeiro lugar, isso não me parece realmente um poema para crianças, ou talvez para crianças muito atenciosas ou crianças que você deseja que sejam atenciosas.

Ela fez uma série de coisas. Primeiro, cada linha tem o mesmo padrão, uma pergunta e uma resposta. Cada resposta tem o mesmo padrão, dois substantivos diferentes.

Cada linha começa com as mesmas duas palavras, quais são. Há uma rima, tristeza, amanhã, juventude e verdade. Há um medidor, o que é pesado? Areia do mar e tristeza.

O que são breves? Hoje e amanhã, etc. E existem essas imagens. Observe isto: a areia do mar é uma coisa física.

A verdade não é. Hoje sabemos que o hoje existe porque estamos aqui. Não sabemos nada sobre amanhã.

As flores da primavera são coisas físicas. Juventude não é, é qualidade. O oceano também é uma coisa física.

A verdade não é. E ela juntou todas essas coisas. O som, o que chamamos de anáfora, que é quando uma série de linhas começam com a mesma palavra ou expressão, a repetição em outras palavras, o padrão, a pergunta com resposta de duas palavras, a métrica, a imagem.

Ela juntou tudo isso para pegar uma ideia muito simples e fazê-la ressoar muito mais profundamente do que se ela apenas dissesse algo como, você sabe, a tristeza pode ser muito difícil. A vida é breve e realmente frágil como a dos jovens. E o oceano é muito profundo.

Quero dizer, ou a verdade é muito profunda. Ela poderia ter dito qual é a diferença? Bem, a diferença é que o padrão da linguagem, a compressão dela, as imagens que ela usa, transformam-na de uma série de declarações bastante banais ou mesmo banais para uma forma de pensar que nos afeta e se comunica muito mais profundamente do que qualquer outra. um esboço de quatro pontos teria. Aqui está outro exemplo.

Falamos sobre a diferença entre poesia e prosa. Se nos voltarmos para o livro de Juízes, encontraremos em Juízes quatro e cinco passagens muito familiares. Juízes quatro é a história de Débora e Baraque e da guerra com Cícero ou Yavin, que é o rei de Canaã e Cícero seu general.

E no capítulo cinco temos um poema sobre o mesmo incidente, uma canção que Débora e Baraque cantaram naquele dia. Vou apenas ler alguns versos desses dois capítulos e ver se você consegue dizer qual é o poema e qual é a narrativa em prosa. Foi quando Cícero, o general, fugiu do exército e está fugindo para salvar sua vida e vê uma tenda e vai até uma mulher chamada Yael e pede ajuda para protegê-lo.

Então, isso começa em Juízes 4.18. Ele se virou para ela e entrou na tenda. Ela o cobriu com algum tipo de pano, um tapete, um cobertor ou algo assim. E ele disse a ela, por favor, me dê um pouco de água para beber porque estou com sede.

Então ela abriu um pote de leite e deu de beber para ele e depois o cobriu. E ele disse a ela, fique na porta da tenda e se alguém vier e perguntar a você e disser, há alguém aqui que você deve dizer não, mas a esposa de Yael Hever pegou uma estaca, colocou um martelo na mão dela, foi secretamente para ele e enfiou a estaca em sua têmpora e ela afundou no chão, pois ele estava dormindo profundamente e exausto. Então ele morreu.

Essa é uma conta. Aqui está a outra conta. A mais abençoada das mulheres é Yael, esposa de Héver, o cananeu.

A mais abençoada é ela das mulheres na tenda. Ele pediu água. Ela deu-lhe leite.

Em uma tigela magnífica, ela trouxe coalhada para ele. Ela estendeu a mão para a estaca da tenda e com a mão direita pegou o martelo do operário. Então ela bateu em Cícero.

Ela quebrou a cabeça dele. Ela quebrou e perfurou sua têmpora. Entre os pés dela ele se curvou, caiu, ficou deitado.

Entre os pés dela, ele se curvou e caiu. Onde ele se curvou, lá ele caiu, destruído. Eles não parecem iguais, não é? Descreva o mesmo incidente, mas duas maneiras muito diferentes de pensar sobre o que está acontecendo.

Então, dizemos, bem, como devemos chamá-los? E as pessoas que discutem se há poesia na Bíblia querem dizer, bem, a segunda é que chamaremos isso de linguagem elevada. Bem, se você vai dar um termo, linguagem elevada é, podemos muito bem chamá-lo de poema porque certamente soa muito mais poético, ou pelo menos tem algumas das mesmas características da poesia. Essa compressão, esse uso de imagens, essa, em hebraico, essa repetição, que é muito padronizada, como veremos, muito normal na poesia bíblica.

E, no entanto, poderíamos perguntar: bem, qual é a imagem mais precisa do que aconteceu? Certamente a narrativa nos conta a história real e o poema apenas nos dá uma interpretação artística dela. E você sabe, eu acho que às vezes essa é uma

das nossas hesitações em pensar na Bíblia como contendo poesia, porque ouvimos a palavra licença poética, ou Shakespeare, que diz, e tem seu personagem dizendo várias vezes, todos os poetas são mentirosos . E temos essa suspeita sorradeira de que os poetas não agem de maneira correta.

Queremos os fatos, como Dragnet. Mas quando olhamos para eles, se lêssemos todos os Juizes 4 e todos os Juizes 5, e se realçássemos as coisas que eles têm em comum, eles não têm quase nada em comum. Essas são declarações reais.

A maioria das coisas que eles têm em comum são nomes próprios e lugares e coisas como o artigo, o, ou um, ou um, ou algo nas traduções para o inglês. Muito poucos incidentes são descritos da mesma maneira, ou mesmo descritos em um e completamente deixados de lado no outro. Então, no final do capítulo cinco do poema, temos essa história da mãe de César se perguntando onde está o filho e a serva dela dizendo, ah não, serva dizendo, não se preocupe, ele vai voltar e ele trará muito saque e mimos com ele e então poderemos escolher o que quisermos.

Bem, isso não está no capítulo quatro. Isso realmente aconteceu? Ou Deborah e Barak simplesmente inventaram isso? Bem, em primeiro lugar, dizemos que podemos confiar na Bíblia. E então nossa suposição é que se eles descreverem isso, então o Senhor revelou isso a eles, ou eles capturaram um cananeu e ele disse, sim, isso é provavelmente o que está acontecendo no palácio agora, ou algo parecido.

Porém, eles conseguiram as informações, não podemos saber, mas dizemos, ok, sim, vamos, isso aconteceu. Mas quais são as diferenças entre as duas histórias, Ray, qual é o relato mais preciso ou qual nos conta o que realmente aconteceu? Na verdade, a resposta é que ambos fazem. Acontece que eles olham para os mesmos eventos de duas maneiras muito diferentes.

Esta não é uma comparação justa. OK. Então, por favor, não interprete mal o que vou dizer, mas é a diferença entre alguém que escreve um livro de história sobre a Reforma e um aluno que estuda o livro e o mesmo aluno vai assistir ao filme, Martinho Lutero.

Agora o filme comunica algumas das mesmas coisas. Agora, é claro, eu percebo que em um filme existe uma licença, uma licença artística, e veja, é isso que nos deixa nervosos com a poesia também. A mesma coisa, certo? Bem, você realmente não pode confiar nisso.

E você está certo. Tudo no filme, eles até dizem que algumas dessas coisas são inventadas. É fictício.

As conversas são inventadas. Não podemos confiar nisso. O livro se comunica de uma maneira.

Seu objetivo é transmitir a quantidade de informações X, Y e Z com o mínimo de palavras possível para que o editor de livros didáticos possa ganhar o máximo de dinheiro possível por livro, certo? Curto, mas com todas as informações. Então, o aluno tem o que precisa para passar na prova, se formar, conseguir um emprego, etc. O filme é feito para que você assista o filme inteiro e não saia do cinema e peça seu dinheiro de volta.

Você vai querer assistir e vai se divertir. E você vai embora, talvez até pensando no que aconteceu. O livro realmente não se importa com como você se sente.

O objetivo do livro é que você precise dessas informações. Eu vou dar a você. O filme diz que vou entreter você.

Juízes 4 diz, ok, aqui está um relato da batalha. O foco está no papel de Barack e em sua obediência ou em sua hesitação em obedecer e no papel de Yael. Aqui está um poema sobre a mesma batalha.

O foco do poema está na maneira como as tribos de Israel entraram ou não na guerra. Então, há um longo catálogo, que vai e volta e diz que de Efraim eles desceram. Benjamim desceu.

Mas então continua e diz, espere um segundo, Reuben não veio. As tribos de Gileade ficaram do outro lado do Jordão. Dan ficou onde estavam.

Asher ficou onde estavam. Mas Zebulom e Naftali arriscaram a vida. Não há relato disso.

Tudo o que você lê no capítulo quatro é que Barack subiu o Monte Gilboa e o Monte Tabor e todos esses homens vieram atrás dele. Isso é tudo que diz. Da mesma forma, no capítulo cinco, descobrimos que as próprias estrelas lutaram desde o céu.

Agora, no capítulo quatro, diz que o Senhor derrotou César e suas carruagens e seu exército com o fio da espada diante de Barack. E César desceu do seu carro e fugiu. Mas vemos que os carros dos israelitas, que é mostrado, que na verdade é um riacho bem pequeno, transbordaram, ficaram com o chão lamacento, de modo que todos esses carros, esses 500 carros de ferro, atolaram e não eram mais uma vantagem. , mas na verdade uma desvantagem para os cananeus.

Se eles estivessem contando com o uso de suas carruagens para subjugar os soldados de infantaria dos israelitas, de repente sua vantagem desapareceria. E assim, a estratégia deles para a batalha desmorona. E César, sendo um comandante inteligente, cuida, sabe que é um desastre e corre para salvar sua vida.

Mas não obtemos isso do relato em prosa. Assim, o poeta, os cantores, os cantores, Devorah e Barack, dão-nos uma visão da sua experiência destes acontecimentos que é muito diferente da visão do autor do resto do livro de Juízes. E as duas contas se complementam.

Eles trabalham juntos e trabalham conosco de maneiras diferentes. Isso aponta outro aspecto da poesia. E isso é um poema, esta teoria remonta talvez a 600 anos, à defesa da poesia por Sir Philip Sidney.

Ele disse que os poetas realmente criam um mundo dourado. Ele disse, você sabe, se você é um matemático, um astrônomo ou um químico, você não tem escolha. Você tem que trabalhar com o que você tem.

Você não pode inventar estrelas, produtos químicos, elementos ou outras coisas. Você apenas tem que trabalhar com o que está lá. Mas como poeta, ele cria um mundo dourado.

E o poema convida então o leitor a entrar neste mundo que o poeta criou. Agora o poeta sabe que este não é o universo inteiro. É um mundo diferente, é um mundo separado.

Assim, os poemas comunicam a verdade, mas comunicam a verdade de uma forma diferente da prosa expositiva ou do sentido lógico de conjuntos de proposições. Para que nenhum poema tente contar toda a verdade. Você sabe, lemos um salmo e veremos isso em alguns minutos com mais detalhes.

Mas se lermos um salmo como o Salmo 121, levanto os olhos para os montes, de onde vem a minha esperança? Etc. Será fácil sair desse salmo pensando consigo mesmo, que isso promete que nada de ruim acontecerá a quem pertence ao Senhor. Porque é isso que ele diz.

Aquele que te guarda não deixará o seu pé escorregar. Ele não vai dormir. Ele é a sua sombra na sua mão direita.

Ele irá protegê-lo de todo mal. Ele guardará sua alma, protegerá você na saída. Você está vindo de agora e para sempre.

E parece que nada de ruim pode acontecer a alguém que pertence ao Senhor. Mas o poeta não tem intenção de descrever toda a teologia. Ele está trabalhando apenas em oito versos ou 15 linhas.

Então, ele não está tentando abranger tudo. Em vez disso, diz ele, vamos pensar sobre o relacionamento entre o Senhor e o seu povo desta forma. Sim, todas essas outras coisas existem.



Você está certo, todas essas outras coisas existem. E há muitos salmos que falam sobre os problemas que acontecem. Quero dizer, não há razão para pedir ao Senhor que o salve de um desastre se você não estiver no meio de um desastre.

Ou o poeta dizendo, as águas estão subindo até o pescoço, as águas quase me levaram embora, etc. Bom, ele não está preocupado com essas coisas. O que ele quer fazer é pensar : o que significa pensar em Deus como um vigia? O que significa quando consideramos o papel de Deus em nos proteger e nos guardar? Como é isso? E é sobre isso que ele medita.

Então, temos que ler com bastante atenção. Temos então que ler procurando todas as maneiras pelas quais o poeta comprimiu seu poema ou comprimiu sua mensagem e como ele encheu esse poema de significado. Mas, ao mesmo tempo, temos que ter cuidado para não presumir que o poema tenta nos contar tudo sobre alguma coisa.

Em vez disso, é brincar, como disse na primeira palestra, com algum aspecto da realidade, o Senhor, o nosso relacionamento com ele, o mundo, o nosso relacionamento com os outros, algo assim. Então, quando pensamos em poesia em inglês, e estou usando o inglês por um momento porque acabei de descobrir no ensino que se você começar a falar sobre poesia com poemas bíblicos, todo mundo vai querer argumentar com a teologia. Eles não querem falar sobre poesia.

Então, prefiro falar primeiro sobre o poema, e depois poderemos conversar sobre o que ele realmente significa. Mas pense em inglês. Reconhecemos um poema porque tem ritmo e rima, pela sua disposição na página, pela sua divisão em estrofes.

Pode haver frases, mas as frases não param no final da linha. Eles podem continuar. Então, todo tipo de coisa.

Na poesia bíblica, realmente não existe ritmo. As pessoas discutem sobre isso o tempo todo, mas realmente não há ritmo na forma como pensamos isso em inglês. Não há rima.

Uma ou duas vezes, há lugares onde você encontra palavras que terminam com o mesmo som, mas é muito, muito incomum ver qualquer padrão nisso. Realmente não existem estrofes. Ou seja, quando você compra um livro de poesia, há linhas em branco e, portanto, pode haver oito linhas, e uma linha em branco, e oito linhas, e uma linha em branco.

Quero dizer, você verá isso na sua Bíblia em inglês, mas essa é a decisão do editor. Não é feito dessa forma nos manuscritos que temos. São apenas o tradutor e o editor ou, em alguns casos, os editores da Bíblia Hebraica, e os tradutores estão apenas seguindo isso.

E descobrimos que na poesia bíblica, as sentenças tendem a não passar de uma linha para a outra e continuar pela página. Cada linha tende a ser sua própria cláusula ou sentença. Existem algumas exceções, mas como regra, isso é verdade.

Portanto, essas são diferenças muito grandes entre a poesia inglesa e a bíblica. Mas, ao mesmo tempo, são as semelhanças básicas que tornam ambos poéticos. A compressão, a ideia de que a linguagem, as palavras usadas são escolhidas de forma muito deliberada.

Quase poderíamos falar sobre linguagem manipulada. Eu não gosto disso. Essa palavra deixa as pessoas nervosas ao pensar que a Bíblia é assim.

Mas as palavras foram escolhidas e a linguagem está sendo usada de maneiras bastante impressionantes. Você sabe, é interessante que se você estuda hebraico, ou talvez eu devesse dizer desta forma, quando você estuda hebraico, você pode pensar em termos de leitura de histórias bíblicas. E no meio, no final do primeiro semestre, até mesmo no meio do primeiro semestre, você deverá ser capaz de começar a trabalhar na história de José ou Abraão ou algo assim.

Mas então você diz a si mesmo: por que isso é tão divertido? Acho que vou ler um salmo. E você abre o livro dos Salmos e é como se fosse uma linguagem diferente.

De repente, coisas que deveriam estar lá não estão mais lá. E as coisas que estão lá não parecem ou soam como deveriam. Bem, você sabia que se você abrir a Enciclopédia Britânica no artigo sobre poesia, ele diz que poesia é o outro uso da linguagem.

E alguns críticos chegam a falar da linguagem poética como uma linguagem própria dentro da linguagem da sua cultura. Então existe a língua inglesa, depois existe a linguagem da poesia inglesa. E com isso, eles não se referem apenas à escolha de palavras, como usar, antes que eu te vi, ou palavras que soam arcaicas ou antigas, ou muitas vezes na véspera, esse tipo de coisa.

Eles não querem dizer isso. Eles significam que toda a maneira de usar a linguagem, de organizar pensamentos, de organizar frases, de juntar imagens é diferente daquela que encontramos em livros de história, filosofia ou química orgânica. Então, a poesia é realmente uma linguagem muito diferente porque é uma linguagem que é manipulada conscientemente, que é autoconsciente por parte do poeta.

E também encontramos outras coisas em ambos que são comuns a ambos, de modo que o que é chamado de par em amasia, ou pensamos neles como trocadilhos, mas usando palavras que soam parecidas ou usando sons que se refletem, a poesia

inglesa faz muito isso . Rima é isso, certo? Tristeza e amanhã, juventude e verdade. A poesia hebraica também faz isso.

Claro, perdemos isso na tradução. Esse é apenas o custo da tradução. Há muita repetição em ambos.

Isso é bastante comum. E ambos estão organizados linha por linha. Portanto, mesmo na poesia inglesa, onde uma frase ultrapassa os limites, a questão é: por que a frase ultrapassa os limites? Por que isso para e começa? Uma pergunta: por que para e começa onde para? E ambos dependem muito de imagens.

Na verdade, há um livrinho maravilhoso de uma mulher chamada Molly Peacock chamado Como ler um poema e iniciar um círculo de poesia. Poetry Reading Circle, não tenho certeza do subtítulo, no qual ela diz que é uma chave muito útil quando estamos lutando com um poema e tentando descobrir o que ele está dizendo, ela realmente diz isso. Ela diz três coisas diferentes em pontos diferentes de seu livro.

Uma vez ela diz para simplesmente ler o poema e listar todos os substantivos, escrever uma lista de todos os substantivos em ordem no poema. Faça isso em um salmo algum dia. Você ficará bastante surpreso, eu acho.

Outra coisa é listar todos os verbos do poema porque os verbos nos dizem o que está acontecendo. Então, os substantivos nos dizem do que se trata. Os verbos nos dizem o que está acontecendo.

Liste todos os verbos. E novamente, às vezes alguns poemas, os substantivos ajudam, alguns poemas, os verbos ajudam. E então a terceira coisa que ela diz é ler um poema e listar todas as imagens que estão nele.

E o importante é listá-los em ordem porque foi assim que o poeta os organizou. E então pensamos no poema em termos de seus substantivos, seus verbos, suas imagens, porque é assim que ocorre a conexão. É assim que funciona a lógica do poema.

Porque é isso que queremos dizer quando falamos sobre linguagem autoconsciente. E, de fato, a poesia da Bíblia é igualmente autoconsciente. Agora, alguns de vocês, quase posso ouvir isso vindo pela câmera, estão dizendo, ah, espere um segundo, isso vai ficar técnico.

Você vai começar a usar palavras como sinédoque e metáfora, símile e anáfora e coisas assim, não é? Bem, sim, alguns deles. Mas o que significa usar linguagem técnica? Se você está assistindo ao Super Bowl e o comentarista diz, ah, eles estão usando um, ah, foi um empate de quarterback, isso é linguagem técnica, não é? Ou se você está assistindo as Olimpíadas e falam, e aqui não sei do que estou falando,

eixo duplo. Quer dizer, eu sei que isso significa que eles pularam no ar e deram duas voltas contra um duplo ou algo mais.

Isso é linguagem técnica, não é? E ainda assim não nos intimidamos quando se trata de esportes ou mesmo de música, talvez, dependendo do seu interesse. Então, podemos dizer que o adágio estava um pouco lento demais, ou o forte estava um pouco suave demais, ou o fortíssimo estava bem alto, muito obrigado. E estamos usando uma linguagem que nos ajuda a entender do que estamos falando.

Isso nos dá uma linguagem comum, que é realmente de onde vêm o jargão e a conversa interna. Temos necessidade de comunicar as coisas sem usar todas as palavras necessárias para explicá-las a outra pessoa. Temos que descobrir uma maneira de dizer isso em poucas palavras.

Então, em vez de dizer que o poema *Água Pesada* começa com quatro versos, cada um dos quais começa da mesma maneira, podemos apenas dizer, ah, o poema inteiro é anafórico, economize palavras, economize espaço. E sabemos exatamente do que estamos falando porque estamos usando quando digo que cada linha começa da mesma maneira, você pode dizer, bem, isso significa que elas começam com uma letra maiúscula? Isso significa que eles começam com a mesma palavra, a mesma frase? Bem, a anáfora nos diz que estamos falando de uma expressão idêntica. Claro, usamos alguma linguagem técnica, mas essa é a maneira de estudar qualquer coisa.

E, de fato, a linguagem técnica nos dá uma maneira de pensar até mesmo sobre os poemas bíblicos de uma forma que talvez nunca tenhamos pensado neles antes. Então, percebemos em um salmo como o Salmo 113, que novamente é anafórico, louvar a Yahweh, louvar aos servos de Yahweh, louvar o nome de Yahweh, começa com o mesmo novamente. E a pergunta que devemos nos fazer é: ah, há uma anáfora.

Por que o poeta faria isso? Qual é o propósito disso? Qual a sua função em relação ao significado do poema? Como está realmente funcionando? Agora, parte disso que você provavelmente já percebeu é que estou muito interessado em nos ajudar, em ajudar a mim mesmo, em ajudar você a aprender a ler poemas com atenção. Pensar em maneiras de nos forçarmos a prestar atenção ao que ele diz, pensando sobre por que ele diz isso dessa maneira, como diz isso e por que usa esse método específico. TS Eliot, num ensaio muito famoso sobre a leitura de poesia, disse que nos deparamos ou andamos numa corda bamba.

Por um lado, há pessoas que lêem um poema uma vez e dizem que ficam com uma impressão dele. E eles dizem, ah, sim, ok. Esse poema é sobre X, Y, Z. Então, alguém lê o Salmo 23 e diz, ah, isso é reconfortante.

E eles vão embora. O outro tipo de abordagem é analisar tudo o que pode ser analisado. Quantas palavras há em cada linha? Quantas sílabas tem cada linha? Quantas linhas existem? Por que é, como é, listando todos os substantivos, todos os verbos, todas as imagens, e analisando tudo e atribuindo um rótulo técnico a tudo.

Agora, Eliot aponta um problema com ambos. Primeiro, a impressão casual costuma estar errada. Eu posso te contar; Acabei de ouvir muitos sermões nos quais pude perceber que a pessoa estava pregando com base em uma impressão casual.

Na verdade, eles não haviam estudado um texto, mas procuravam um sermão ou uma mensagem. E então, eles leram algo e isso os fez pensar em outra coisa. E então, eles simplesmente usaram aquela passagem, aquele Salmo, como um trampolim e começaram a falar sobre o que realmente queriam falar.

E muitas vezes não tinha nada a ver com o Salmo em si. Portanto, podemos interpretar mal porque não levamos o texto suficientemente a sério. Por outro lado, podemos submeter o texto à nossa análise a tal ponto que esquecemos que estamos lendo o texto de outra pessoa.

E analisamos de tal forma que se torna apenas um exemplar a ser fixado no quadro e exposto. Estive em um comitê de ordenação por vários anos para minha denominação e recebemos documentos de estudantes. E posso me lembrar de artigos sobre Salmos escritos por alunos que eram obviamente muito capazes com base em suas notas, e até mesmo nas coisas que disseram no jornal, que descreviam tudo no Salmo, cada aspecto poético do Salmo que você poderia querer comentar. eram anotados e anotados, geralmente em hebraico e inglês, às vezes até em grego, se fossem realmente ambiciosos.

Mas então eles se esqueceram de dizer por que isso era importante. E às vezes até sobre o que era o poema para que a análise se tornasse o fim. Quintiliano, um dos primeiros oradores, disse um orador romano, o perigo é ficar preso na análise.

TS Eliot diz que isso é um problema. Por outro lado, se estivermos lendo as Escrituras, queremos ter certeza de que estamos realmente lendo o que a Bíblia diz. Veja, um dos desafios que você e eu enfrentamos, se freqüentamos uma igreja ou mesmo um estudo bíblico, uma faculdade ou um seminário e estudamos teologia, religião ou a Bíblia, é que ouvimos muitas pessoas nos dizerem o que o Salmo 119 significa, ou sobre o que Jó 6 realmente trata, ou qualquer outra passagem.

E assim, quando chegamos ao texto, quase não conseguimos mais ler o Salmo 1. É como colocar ou tirar nossos óculos de verdade e colocar um par de óculos de sol e depois colocar outro par de óculos de sol espelhados, e então talvez alguns daqueles óculos engraçados com globos oculares que caem e tentar ler isso. Isso é um pouco exagerado.

Mas deixamos tudo atrapalhar. E assim, estamos lendo e ouvindo a voz do pregador. Estamos ouvindo a voz do comentário.

Estamos ouvindo a voz até da sessão de touros no dormitório. Então, um dos objetivos, um dos motivos, não objetivos, uma das motivações, os motivos para tentar ter muito cuidado e ler e prestar atenção a tudo no poema é que eu realmente quero ler o Salmo 113. Eu não não quero sair com apenas uma impressão disso.

E não quero simplesmente ler o que todo mundo disse. Eles podem estar todos certos. Isso é bom.

Mas a poesia foi feita para ser lida, para ser pensada, para ser reproduzida em nossas próprias mentes, assim como o poeta brinca com as ideias ao escrever o poema. Você sabe, em nossa abordagem das Escrituras, acho que muitas vezes nos deparamos com a ideia de que o propósito da Bíblia é comunicar informações. E isso é certamente verdade.

Obtemos muitas informações através da Bíblia que não conheceríamos de outra maneira. Quem foi o pai de Ezequias, por exemplo? Não há outra maneira de saber isso. Quem era seu filho? Quem foi seu descendente? Bem, é bom que tenhamos a Bíblia para sabermos coisas assim.

Mas temos que fazer uma pergunta. Por que Deus trabalharia dentro de um escopo muito limitado, quero dizer, a Bíblia é uma Bíblia bastante grande. Além disso, são cerca de 1.600 páginas.

Bem, tenho exemplares de Shakespeare aqui na minha biblioteca que têm mais que o dobro desse número de páginas com letras muito menores. Se eu pegasse todos os escritos de Winston Churchill, haveria muitas vezes esse número de páginas. A Bíblia é realmente, no âmbito da literatura mundial, um livro bastante pequeno.

Então, talvez devêssemos nos perguntar: por que Deus escolheria usar poesia em um terço deste livro se seu propósito é comunicar? Deixe-me sugerir então que a razão é que a poesia comunica algumas coisas melhor do que qualquer outra forma. E se isso for verdade, isto é, se o uso da poesia for deliberado, divinamente inspirado, o que, uma vez que está nas Escrituras, acho que teríamos que dizer, então Deus usou a poesia para se comunicar conosco. E, novamente, não apenas no livro dos Salmos, em toda a Bíblia, até no livro do Apocalipse, na verdade, porque a poesia diz melhor o que ela queria dizer.

E talvez aqui esteja o impulso importante disso. Se a poesia é outra forma de usar a linguagem, e se os poemas são outra forma de pensar a realidade, então precisamos

de usar e aprender a usar essa linguagem também. Precisamos aprender a usar a linguagem conceitual, as palavras, as imagens e a forma de juntar as coisas que encontramos nos poemas bíblicos.

Então, quando pegarmos o livro dos Salmos, digamos: não estou apenas recebendo uma declaração sobre Deus, ok, o Senhor é rei, ok, entendi. Se isso fosse tudo o que ele queria dizer, seria tudo o que haveria. Mas ele não para com essa frase.

Em vez disso, ele continua com 12 ou 13 ou 15 ou 30 versículos, porque quer que pensemos sobre o que essa afirmação significa. E quando falamos dos aspectos técnicos da poesia, como a anáfora, Salmo 13, até quando, ó Senhor, estarás longe de mim? Por quanto tempo você esconderá seu rosto? Quanto tempo terei que fazer isso, quanto tempo? Bem, parte da compreensão de qualquer poema é apreciar a arte com que ele é criado. A pessoa que melhor aprecia uma sonata de Mozart é aquela que realmente tentou tocar piano, violino ou qualquer outra coisa.

A pessoa que mais aprecia o empate do quarterback no Super Bowl é aquela que talvez tenha pelo menos jogado um pouco de futebol americano no Dia de Ação de Graças com sua família. Quem melhor aprecia qualquer poema é quem entende a linguagem da poesia. Você sabe, e com isso vou encerrar, na Enciclopédia Britânica, eles citam esse fato que é tão conhecido que nem sequer o mencionam no rodapé.

Se você mesmo tentar esta experiência, vá às ruas de qualquer cidade próxima de onde você mora com dois pedaços de papel, um dos quais tem um poema curto e o outro um parágrafo curto. Pare 10 pessoas e peça a cinco delas que digam: por favor, leiam isto, leiam este poema em voz alta? E depois de fazerem isso, peça-lhes que leiam o parágrafo. As outras cinco pessoas pedem que leiam primeiro o parágrafo e depois o poema.

E isso é tudo que você diz. Você poderia, por favor, ler este poema? Você poderia ler este parágrafo em voz alta? Não diga nada além disso. E você diz a eles que está fazendo um experimento.

Isto é o que você encontrará em mais de 99 entre 100 casos. A pessoa que, ao saber que está lendo um poema, sua voz mudará, sua postura mudará, mudará a forma como pronuncia as palavras e mudará a atenção com que lê o texto. Agora pergunte a si mesmo: quando foi a última vez que, em um culto de adoração, ouvi um salmo ser lido com o mesmo cuidado com que ouvi o Dr. Putnam ler: O que é Pesado, Água Pesada? Quando foi a última vez que li um salmo ou qualquer poema bíblico, com a mesma consideração com que leria *Stopping by Woods on a Snowy Evening*, de Robert Frost? Não estou tentando fazer você se sentir culpado.

Esse não é o objetivo. Em vez disso, se estas coisas são realmente poemas, precisamos de nos ensinar novamente a pensar a linguagem da poesia para que

possamos apreciá-las, porque a apreciação de um poema faz parte da sua compreensão.

Este foi o Dr. Fred Putnam em sua segunda de quatro palestras sobre o livro dos Salmos.